

CXVII

Ter corda de enforcado

Ser feliz; ter sorte ao jôgo, nos negócios ou nas empresas

Os antigos atribuíam maravilhosas propriedades terapêuticas à corda que tivesse servido ao suplicio ou suicidio de um enforcado. Na idade média, além destas virtudes curativas, soberanas contra os mais diversos males, reconhecia-se à corda de enforcado o dom de proporcionar todos os lances favoráveis do jôgo à pessoa que dela tivesse um pedaço na algibeira, e o de preservar contra todas as castástrofes. Também se guardava em casa.

As Ordenações Manuelinas (1521) liv. 5.º, tit. 33, proibiam que se trouxesse dente ou barão de enforcado ⁽¹⁾, proibição que também se encontra nas *Constituições* do arcebispado de Évora, impressas em Lisboa no ano de 1534, constituição 1.ª do tit. 25, que se intitula — *Dos feiticeiros, benzedeiros e agoi-reiros* ⁽²⁾. O preceito foi mantido nas Ordenações Filipinas (1603), liv. 5.º, tit. 3.º, § 2.º.

As Ordenações Afonsinas (1446), liv. 5.º, tit. 75, § 4.º, falam da «corda de enforcado» para — depois de aludirem a uma lei de D. Afonso III, segundo a qual o Mordomo havia a corda com que uma mulher se enforcasse numa árvore — determinarem: «E vista per nós a dita Ley, declarando em ella dizemos, que se alguũ se enforçar ou per outra guisa matar por sanha, nojo, ou rancor que aja, nom averemos per sua morte cousa alguma de seus beës nem herança, senom soamente o barão, ou a arma, com que elle se matar».

Da superstição acêrca das virtudes da «corda de enforcado» diz Alphonse Mariette, na sua obra *French and English idioms and proverbs, with critical and historical notes* (Paris, 1896), vol. I, p. 106: «It would be difficult to give a satisfactory explanation of the popular notion which ascribes luck

(1) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 116 e 138.

(2) V. Alexandre Herculano, *Crenças populares portuguezas*, in *O Panorama*, IV (1840), p. 138.

to a suicide's rope. But it is a fact that many people still adhere to that old prejudice, and, for my part, I happen to know several ladies, mostly from Eastern Europe, who always carry a small piece of *corde de pendu* in their purse, for the sake of the good luck it is supposed to confer. Indeed, a Hungarian lady once insisted on presenting me with an authentic fragment of such a cord, but I must say that I never felt the good effect of that lugubrious talisman. Perhaps the faith was wanting in me. As an instance of the eagerness with which the superstition still prevails, we read that but a few years ago, a machinist employed at the Grand Opera having hanged himself in the basement, some of the ladies of the theatre hastened to the spot, and before a magistrate had had time to arrive, they contrived to carry away the whole of the fatal rope, for division among themselves! »

Franceses: a) *Avoir de la corde de pendu*; b) *Il a de la corde de pendu dans sa poche*.

Hespanhol: *Tener corda de ahorcado*.

CXVIII

Aldeã é a galinha, || e come-a o de Coimbra

«O de Coimbra», diz o adágio, querendo significar «a côrte, a nobreza».

Lisboa só no reinado de D. Afonso III principiou a figurar como capital da monarquia, título que desde D. Afonso I pertencia a Coimbra, ainda que os reis andassem freqüentemente residindo por outras cidades e vilas ⁽¹⁾.

Hernan Nuñez, nos *Refranes*, insere o adágio castelhano *aldeana es la gallina, y comela el de Seuilla*, sendo para notar que — semelhantemente ao que succede com a forma portuguesa — Sevilha foi capital no tempo de Fernando III (séc. XIII) e, depois, quasi sempre a residência dos reis de Hespanha, até Filipe II.

Francês: *La poule est au pauvre, et le riche la mange*.

(1) V. Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, I, 75.